

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white sans-serif font on a blue rectangular background.

O medo enquanto afeto político e a esperança contra o corpo paranoico [Fear as a political affection and hope against the body paranoid]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy
of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Junges, Márcia
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-09-10 20:59:31
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/158030

ENTREVISTA

O medo enquanto afeto político e a esperança contra o corpo paranoico

Não existe política sem encarnação, sem vida social e conjunto de relações, observa Nythamar de Oliveira a partir da obra de Vladimir Safatle. Porém, a partir da ontologia de Spinoza, não se trata de opor razão a afetos

Por Márcia Junges



Foto: Fernanda Froner / IHU

14

“Segundo Safatle, o medo enquanto afeto político ‘tende a construir a imagem da sociedade como corpo tendencialmente paranoico, preso à lógica securitária do que deve se imunizar contra toda violência que coloca em risco o princípio unitário da vida social’. Imunidade que precisa da perpetuação funcional de um estado potencial de insegurança absoluta vinda não apenas do risco exterior, mas da violência iminente da relação entre indivíduos. Imagina-se, por outro lado, que a esperança seria o afeto capaz de se contrapor a esse corpo paranoico. No entanto, talvez não exista nada menos certo do que isso”. A reflexão é do filósofo Nythamar de Oliveira, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. Em suas respostas ele adianta aspectos abordados na conferência **O Circuito dos Afetos. Corpos Políticos, desamparo e o Fim do Indivíduo**, realizada em 09-06-2016, no Instituto Humanitas Unisinos - IHU e cuja programação completa pode ser conferida em <http://bit.ly/1XEn2MK>. A atividade traz reflexões centrais acerca

da obra de Vladimir Safatle com nome idêntico: **O Circuito dos Afetos. Corpos Políticos, desamparo e o Fim do Indivíduo** (Editora Cosac Naify, 2015. 512p). Safatle também estará no IHU em 15-06-2016, quando falará sobre o livro em questão.

Nythamar cita Spinoza, explicando que, nas democracias liberais de nosso tempo, “a liberdade da alma, ou seja, a coragem, é uma virtude privada, a virtude necessária ao Estado é a segurança”. Em seu ponto de vista, “a servidão ocorre quando a mente é dominada por tais paixões ou afetos, a ponto de poder atormentar as pessoas e inviabilizar a sua convivência social em harmonia uns com os outros. Safatle observa, com bastante perspicácia e justeza, que Spinoza se diferencia de Hobbes precisamente no papel que a temporalidade desempenha em sua teoria ético-política, na medida em que não se trata apenas de aludir ao papel do Estado hobbesiano como ‘gestor da insegurança social’, mas de resgatar a ideia espinosana de liberdade *sub specie aeternitatis*”.

Graduado e mestre em Teologia pela Faculdade de Teologia Reformada D'Aix-en-Provence, na França, **Nythamar de Oliveira** é mestre em Filosofia pela Universidade Villanova, nos Estados Unidos, e doutor em Filosofia pela Universidade do Estado de Nova York - SUNY, Estados Unidos, com a tese *On the genealogy of Modernity: Kant, Nietzsche, Foucault*. cursou inúmeros pós-doutorados e, entre outras atividades, é professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS e pesquisador do CNPq desde 1995. De sua produção bibliográfica, destacamos: *Justice and Recognition: On Axel Honneth and Critical Theory* (Praga (República Tcheca): Filosofia, 2015), *On the Genealogy of Modernity: Foucault's Social Philosophy* (2. ed.

Hauppauge, NY: Nova Science, 2012) e *Rawls* (Rio de Janeiro: Zahar, 2003).

Nythamar estava na Unisinos na quinta-feira, 09-06, proferindo a conferência **O Circuito dos Afetos. Corpos Políticos, Desamparo e o Fim do Indivíduo. Discussão do livro de Vladimir Safatle**, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU. A palestra foi uma preparação ao debate com Safatle, o autor do livro *O Circuito dos Afetos*, que ocorrerá na próxima quinta-feira, 15-06, às 19h30min, também numa promoção do IHU. Leia mais sobre a conferência de Nythamar em <http://bit.ly/1XRF3ra>. A palestra também está disponível na íntegra, através do canal do IHU no YouTube, no endereço youtube.com/user/ihucomunica.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que é o circuito dos afetos?

Nythamar de Oliveira - É o modo como emoções sociais, desejos e sentimentos de pertença e identidade (político-nacional, étnico-racial, gênero e sexualidade) são articulados na gestão e co-constituição do corpo político, não apenas no exercício do poder e controle social do Estado, mas também em sua correlata circulação e distribuição de bens e riquezas. Assim, o circuito dos afetos diz respeito ao correlato instintivo do circuito institucional em que o poder e o dinheiro determinam os imperativos sistêmicos e as configurações das instituições. Segundo Vladimir Safatle¹, ao invés de nos contentarmos com teorias tradicionais que reduzem os vínculos sociais à normatividade social que permeia todo o tecido social através de instituições e estruturas

funcionais, é mister revisitar “a circulação daquilo a que nossos olhos não podem ser indiferentes porque nos afeta, seja através das formas da atração, seja através da repulsa. No lugar da lei, das normas e das regras havia, na verdade, um circuito de afetos” (*Circuito dos Afetos*, p. 15).

IHU On-Line - Qual é a origem filosófica dessa ideia? Que autores fundamentais estão em seu cerne?

Nythamar de Oliveira - Segundo Safatle, Thomas Hobbes² teria sido um dos primeiros teóricos a ter empreendido, ainda no século XVII, uma descrição assaz precisa do “modelo hegemônico de circuito de afetos próprio a nossas sociedades de democracia liberal, com suas re-

gressões securitárias e identitárias periódicas”, embora essa não tenha sido propriamente uma versão do liberalismo que estava por emergir (por exemplo, a partir de Locke³ e

³ **John Locke** (1632-1704): filósofo inglês e ideólogo do liberalismo, sendo considerado o principal representante do empirismo britânico e um dos principais teóricos do contrato social. Locke rejeitava a doutrina das ideias inatas e afirmava que todas as nossas ideias tinham origem no que era percebido pelos sentidos. A filosofia da mente de Locke é frequentemente citada como a origem das concepções modernas de identidade e do “Eu”. O conceito de identidade pessoal, seus conceitos e questionamentos figuraram com destaque na obra de filósofos posteriores, como David Hume, Jean-Jacques Rousseau e Kant. Locke foi o primeiro a definir o “si mesmo” através de uma continuidade de consciência. Ele postulou que a mente era uma lousa em branco (tabula rasa). Em oposição ao Cartesiano, ele sustentou que nascemos sem ideias inatas, e que o conhecimento é determinado apenas pela experiência derivada da percepção sensorial. O pensador escreveu o *Ensaio acerca do Entendimento Humano*, onde desenvolve sua teoria sobre a origem e a natureza do conhecimento. Suas ideias ajudaram a derrubar o absolutismo na Inglaterra. Dizia que todos os homens, ao nascer, tinham direitos naturais – direito à vida, à liberdade e à propriedade. Para garantir esses direitos naturais, os homens haviam criado governos. Se esses governos, contudo, não respeitassem a vida, a liberdade e a propriedade, o povo tinha o direito de se revoltar contra eles. As pessoas podiam contestar um governo injusto e não eram obrigadas a aceitar suas decisões. Dedicou-se também à filosofia política. No *Primeiro Tratado sobre o Governo Civil*, critica a tradição que afirmava o direito divino dos reis, declarando que a vida política é

¹ **Vladimir Pinheiro Safatle** (1973): filósofo, professor no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo – USP. É filho de Fernando Safatle e Ilmeide Tavares Pinheiro, militantes da Aliança Libertadora Nacional que tiveram que deixar o país natal, o Chile, quando o ditador Augusto Pinochet assumiu o poder. Nascido em Santiago, Vladimir veio para o Brasil com poucos meses de vida. Por isso se considera brasileiro. É mestre em Filosofia pela USP e doutor em Filosofia pela Universidade Paris VIII. (Nota da **IHU On-Line**)

² **Thomas Hobbes** (1588-1679): filósofo inglês. Sua obra mais famosa, *O Leviatã* (1651), trata de teoria política. Neste livro, Hobbes nega que o homem seja um ser naturalmente social. Afirma, ao contrário, que os homens são impulsionados apenas por considerações egoístas. Também escreveu sobre física e psicologia. Hobbes estudou na Universidade de Oxford e foi secretário de Sir Francis Bacon. A respeito desse filósofo, confira a entrevista *O conflito é o motor da vida política*, concedida pela Profa. Dra. Maria Isabel Limongi à edição 276 da revista **IHU On-Line**, de 06-10-2008. O material está disponível em <http://bit.ly/ihuon276>. (Nota da **IHU On-Line**)

Espinosa⁴), na medida em que Hobbes ainda colocava “os interesses da soberania acima da defesa da propriedade dos indivíduos” (*Cirquito*, p. 19). Safatle menciona também o clássico estudo de Ernst Kantorowitz⁵, *Os dois corpos do rei* (*The King's Two Bodies: A Study in Mediaeval Political Theology*), de 1957, que tornou essa concepção bastante conhecida e utilizada em teoria política, tendo sido também evocada por Michel Foucault⁶ em *Vigiar e Punir* (*Surveiller et Punir*, 1975), onde são analisados os mecanismos sociais e teóricos correlatos às grandes mudanças que ocorreram em sistemas penais ocidentais durante a Modernidade, não porque a prisão teria se tornado a forma por excelência de cas-

uma invenção humana, completamente independente das questões divinas. No Segundo Tratado sobre o Governo Civil, expõe sua teoria do Estado liberal e a propriedade privada. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Baruch Spinoza** (ou Espinosa, 1632–1677): filósofo holandês. Sua filosofia é considerada uma resposta ao dualismo da filosofia de Descartes. Foi considerado um dos grandes racionalistas do século XVII dentro da Filosofia Moderna e o fundador do criticismo bíblico moderno. Confira a edição 397 da **IHU On-Line**, de 06-08-2012, intitulada *Baruch Spinoza. Um convite à alegria do pensamento*, disponível em <http://bit.ly/ihuon397>. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Ernst Hartwig Kantorowicz** (1895–1963): foi um historiador alemão que trabalhou com história política e intelectual medieval e arte, conhecido por seu livro *Kaiser Friedrich der Zweite no Sacro Imperador Romano Frederico II, e dois corpos do rei* (1957), em ideologias medieval e moderna da monarquia e do estado. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Michel Foucault** (1926–1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da Loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte) situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas do termo. Em várias edições, a **IHU On-Line** dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuon119>; edição 203, de 06-11-2006, disponível em <http://bit.ly/ihuon203>; edição 364, de 06-06-2011, intitulada *História da loucura e o discurso racional em debate*, disponível em <http://bit.ly/ihuon364>; edição 343, *O (des)governo biopolítico da vida humana*, de 13-09-2010, disponível em <http://bit.ly/ihuon343>, e edição 344, *Biopolítica, estado de exceção e vida nua. Um debate*, disponível em <http://bit.ly/ihuon344>. Confira ainda a edição nº 13 dos **Cadernos IHU em Formação**, disponível em <http://bit.ly/ihuem13>, *Michel Foucault*. (Nota da **IHU On-Line**)

tigo por razões humanitárias dos reformistas, mas pelas mudanças culturais que levaram à predominância de uma nova forma de poder tecnológico, enfocando o corpo e as disciplinas punitivas. Com Foucault, o poder deixa de ser tomado como algo ou uma entidade, uma substância ou essência, como centro de relações de dominação ou como objeto ôntico de uma “crítica do poder”, para ser tematizado como relação, conduta, como o próprio conduzir-se ou governar-se a si mesmo e a outros, em uma verdadeira explicitação do *kybernein* humano, sua conduta social, individualizante e normalizante, enquanto governança da subjetivação e seus dispositivos institucionais.

Política e encarnação

Portanto, embora não seja explicitamente desenvolvida nesses termos, trata-se de reformular uma ideia de “biopolítica vitalista transformadora” (seguindo uma fórmula de Georges Canguilhem⁷) que permita a articulação entre corpo político e controle social através dos afetos, de forma a evitar, por um lado, a simples “denúncia foucaultiana da administração dos corpos como mola de funcionamento das estratégias do poder” e, por outro lado, as “teorias hegemônicas do reconhecimento”, como as de autores liberais, comunitaristas e alternativas contemporâneas (tais como Taylor⁸,

7 **Georges Canguilhem** (1904–1995): filósofo e médico francês. Especialista em epistemologia e história da ciência, publicou obras importantes sobre a constituição da biologia como ciência, sobre medicina, psicologia, ideologias científicas e ética, notadamente *Le normal et le pathologique* e *La connaissance de la vie*. Discípulo de Gaston Bachelard, inscreve-se na tradição da epistemologia histórica francesa e terá uma notável influência sobre Michel Foucault. Sua tese principal é de que a vida não pode ser deduzida a partir de leis físico-químicas, ou seja, é preciso partir do próprio ser vivo para compreender a vida. Assim, o objeto de estudo da biologia é irredutível à análise e a decomposição lógico-matemática. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Charles Taylor** (1931): filósofo canadense, autor de vários livros como *Sources of the Self. The Making of the Modern Identity*, editado em 1989 e traduzido para o português sob o título *As fontes do self. A construção da identidade moderna* (São Paulo: Loyola,

Habermas⁹, Honneth¹⁰ e Fraser¹¹, apenas para pensar nos que

1997). Também é autor do livro *The malaise of modernity* (Concord: Anansi, 1991). Em português podem ser conferidos, ainda, *Argumentos filosóficos* (São Paulo: Loyola, 2000), *Multiculturalismo: Examinando a política de reconhecimento* (Lisboa: Instituto Piaget, 1998) e *Uma era secular* (São Leopoldo: Unisinos, 2010). Sobre sua obra, confira as entrevistas *Em uma era secularizada o perigo de se construir um horizonte fechado é muito grande*, concedida pelo filósofo Elton Vitoriano Ribeiro e publicada na edição 297 da **IHU On-Line**, disponível em <http://bit.ly/dXupN9>, e *As religiões estão se tornando cada vez mais globais*, concedida pelo teólogo José Casanova e publicada na edição 388 da **IHU On-Line**, disponível em <http://bit.ly/L2xby8>. De 24 a 25-04-2013, Charles Taylor esteve na Unisinos como conferencista principal do debate *Liberais-comunitários: colóquio com Charles Taylor*, cujas informações podem ser conferidas em <http://bit.ly/13hyKA4>. Entre 26 e 29-04-2013, Taylor foi o conferencista do evento *Religiões e Sociedade nas trilhas da secularização*, cuja programação pode ser conferida em <http://bit.ly/XWct3k>. Leia ainda o artigo *Nem todas as reformas vêm para prejudicar*, escrito por Charles Taylor e publicado em 09-06-2009 no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/1in3ha>. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Jürgen Habermas** (1929): filósofo alemão, principal estudioso da segunda geração da Escola de Frankfurt. Herdando as discussões da Escola de Frankfurt, Habermas aponta a ação comunicativa como superação da razão iluminista transformada num novo mito, o qual encobre a dominação burguesa (razão instrumental). Para ele, o logos deve contruir-se pela troca de idéias, opiniões e informações entre os sujeitos históricos, estabelecendo-se o diálogo. Seus estudos voltam-se para o conhecimento e a ética. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Axel Honneth** (1949): é um filósofo e sociólogo alemão. Desde 2001, é diretor do Institut für Sozialforschung (Instituto para Pesquisa Social) da Universidade de Frankfurt (oficialmente, Johann Wolfgang Goethe-Universität Frankfurt am Main, em português: Universidade Johann Wolfgang Goethe de Frankfurt), instituição na qual surgiu a chamada Escola de Frankfurt. Também é professor de Filosofia Social na mesma universidade, desde 1996. No campo da filosofia social e prática, o nome de Axel Honneth está ligado ao projeto de relançamento da tradição da teoria crítica da Escola de Frankfurt, através de uma teoria do reconhecimento recíproco. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Nancy Fraser** (1947): filósofa feminista estadunidense ligada à Teoria Crítica. É titular da cátedra Henry A. and Louise Loeb de Ciências Políticas e Sociais da New School University, Estados Unidos. Para ela, o conceito de justiça deve ser entendido a partir de três dimensões interrelacionadas, que seriam a distribuição (de recursos produtivos e de renda), o reconhecimento (das contribuições variadas dos diversos grupos sociais) e a representação (na linguagem e nos demais meios simbólicos). (Nota da **IHU On-Line**)

são citados em seu programa de pesquisa).

Safatle evoca destarte as metáforas do corpo e seus afetos, através da reapropriação crítica de outros tantos autores, tão diversos quanto Aristóteles¹², Rousseau¹³, Kafka¹⁴, Freud¹⁵,

12 Aristóteles de Estagira (384 a.C.–322 a.C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira. Suas reflexões filosóficas – por um lado, originais; por outro, reformuladoras da tradição grega – acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou significativas contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia e história natural. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da **IHU On-Line**)

13 Jean Jacques Rousseau (1712-1778): filósofo franco-suíço, escritor, teórico político e compositor musical autodidata. Uma das figuras marcantes do Iluminismo francês, Rousseau é também um precursor do romantismo. As ideias iluministas de Rousseau, Montesquieu e Diderot, que defendiam a igualdade de todos perante a lei, a tolerância religiosa e a livre expressão do pensamento, influenciaram a Revolução Francesa. Contra a sociedade de ordens e de privilégios do Antigo Regime, os iluministas sugeriam um governo monárquico ou republicano, constitucional e parlamentar. Sobre esse pensador, confira a edição 415 da **IHU On-Line**, de 22-04-2013, intitulada *Somos condenados a viver em sociedade? As contribuições de Rousseau à modernidade política*, disponível em <http://bit.ly/ihuon415>. (Nota da **IHU On-Line**)

14 Franz Kafka (1883-1924): escritor tcheco, de língua alemã. De suas obras, destacamos: *A metamorfose* (1916), que narra o caso de um homem que acorda transformado num gigantesco inseto, e *O processo* (1925), cujo enredo conta a história de um certo Josef K., julgado e condenado por um crime que ele mesmo ignora. (Nota da **IHU On-Line**)

15 Sigmund Freud (1856-1939): neurologista, fundador da psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudou pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da psicanálise. Freud nos trouxe a ideia de que somos movidos pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século XIX, e continuam ainda muito debatidos hoje. A edição 179 da **IHU On-Line**, de 08-05-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*, disponível em <http://bit.ly/ihuon179>. A edição 207, de 04-12-2006, tem como tema de capa *Freud e a religião*, disponível em <http://bit.ly/ihuon207>. A edição 16 dos **Cadernos IHU em formação** tem como título *Quer entender a modernidade? Freud explica*, disponível em <http://bit.ly/ihuem16>. (Nota da **IHU On-Line**)

Lacan¹⁶, Zizek¹⁷, Laclau¹⁸ e Agamben¹⁹, justamente para mostrar

16 Jacques Lacan (1901-1981): psicanalista francês. Realizou uma releitura do trabalho de Freud, mas acabou por eliminar vários elementos deste autor. Para Lacan, o inconsciente determina a consciência, mas ainda assim constitui apenas uma estrutura vazia e sem conteúdo. Confira a edição 267 da revista **IHU On-Line**, de 04-08-2008, intitulada *A função do pai, hoje. Uma leitura de Lacan*, disponível em <http://bit.ly/ihuon267>. Sobre Lacan, confira, ainda, as seguintes edições da revista **IHU On-Line**, produzidas tendo em vista o *Colóquio Internacional A ética da psicanálise: Lacan estaria justificado em dizer “não cedas de teu desejo”?* [ne cède pas sur ton désir]?, realizado em 14 e 15 de agosto de 2009: edição 298, de 22-06-2009, intitulada *Desejo e violência*, disponível em <http://bit.ly/ihuon298>, e edição 303, de 10-08-2009, intitulada *A ética da psicanálise. Lacan estaria justificado em dizer “não cedas de teu desejo”?*, disponível em <http://bit.ly/ihuon303>. (Nota da **IHU On-Line**)

17 Slavoj Žizek (Slavoj Žižek, 1949): filósofo e teórico crítico esloveno. É professor da *European Graduate School* e pesquisador senior no Instituto de Sociologia da Universidade de Liubliana. É também professor visitante em várias universidades estadunidenses, entre as quais estão a Universidade de Columbia, Princeton, a *New School for Social Research*, de Nova York, e a Universidade de Michigan. Publicou recentemente *Menos que nada. Hegel e a sombra do materialismo dialético* (São Paulo: Boitempo, 2013) (Nota da **IHU On-Line**)

18 Ernesto Laclau (1935- 2014): foi um teórico político argentino, frequentemente considerado pós-marxista. Pesquisador e professor da Universidade de Essex, recebeu o título de Doctor Honoris Causa de várias universidades: Universidade de Buenos Aires, Universidade Nacional de Rosário, Universidade Católica de Córdoba, Universidade Nacional de San Juan e Universidade Nacional de Córdoba. Em 10-03-2008 concedeu a entrevista 1968 e a construção de um novo discurso político à edição 250 da **IHU On-Line**, disponível em <http://bit.ly/1gvx8Fu>. (Nota da **IHU On-Line**)

19 Giorgio Agamben (1942): filósofo italiano. É professor da *Facoltà di Design e arti della IUAV* (Veneza), onde ensina Estética, e do *College International de Philosophie* de Paris. Formado em Direito, foi professor da *Università di Macerata*, *Università di Verona* e da *New York University*, cargo ao qual renunciou em protesto à política do governo estadunidense. Sua produção centra-se nas relações entre filosofia, literatura, poesia e, fundamentalmente, política. Entre suas principais obras, estão *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002), *A linguagem e a morte* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005), *Infância e história: destruição da experiência e origem da história* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006); *Estado de exceção* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007), *Estâncias – A palavra e o fantasma na cultura ocidental* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007) e *Profanações* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007). Em 04-09-2007, o sítio do Instituto Humanitas Unisinos –

como a “instauração política aparece assim como a constituição de um corpo dotado de unidade, de vontade consciente, de eu comum”, ao mesmo tempo em que “nos lembram como não é possível haver política sem alguma forma de incorporação”. Em última análise, nas palavras do próprio Safatle, “Não há política sem a encarnação, em alguma região e momentos precisos, da existência da vida social em seu conjunto de relações. Pois é tal encarnação que afeta os sujeitos que compõem o corpo político, criando e sustentando vínculos” (*Circuito*, p. 22s). Trata-se, portanto, de uma inovadora e original reformulação de uma teoria “biopolítica da mobilidade normativa” como alternativa à teoria crítica da sociedade que desafia os paradigmas frankfurtianos da análise marxista do capital, do trabalho e do reconhecimento, resgatando o papel revolucionário do proletariado e de uma crítica do capitalismo, sobretudo de suas versões neoliberais.

IHU On-Line - Qual é a contribuição específica de Spinoza a essa questão?

Nythamar de Oliveira - O termo “afeto” (*affectus*) é usado por Espinosa para aludir à transição (*transitio*) de um estado a outro, no corpo afetado (passivamente, *passivum*), assim como no corpo afetante (ativamente, *activum*). Segundo Espinosa, afetos são as afecções do corpo (*corporis affectiones*), pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída (*Ética* III, Definição 3), enquanto o corpo (*corpus*) é definido como uma potência em ato, uma força de existir, em aglomerado de partes

IHU publicou a entrevista *Estado de exceção e biopolítica segundo Giorgio Agamben*, com o filósofo Jasson da Silva Martins, disponível em <http://bit.ly/jassono40907>. A edição 236 da **IHU On-Line**, de 17-09-2007, publicou a entrevista *Agamben e Heidegger: o âmbito originário de uma nova experiência, ética, política e direito*, com o filósofo Fabrício Carlos Zanin, disponível em <http://bit.ly/ihuon236>. A edição 81 da publicação, de 27-10-2003, teve como tema de capa *O Estado de exceção e a vida nua: a lei política moderna*, disponível para acesso em <http://bit.ly/ihuon81>. (Nota da **IHU On-Line**)

duras e moles, em nossa linguagem científica, um conjunto de átomos, moléculas, tecidos e órgãos que possuem a capacidade de se manter unidos, se regenerar e agir em conjunto. Para Espinosa, o corpo humano pode ser afetado de muitos modos, que aumentam ou diminuem sua potência de agir, assim como de outros que não tornam sua potência de agir nem maior nem menor. Todavia, como o mundo em muito nos excede, geralmente não temos a capacidade de agir sobre ele e “flutuamos como ondas do mar agitadas por ventos contrários, sem saber de nossa sorte ou nosso destino” (Prop. LIX Esc.). Assim, as afecções são o corpo sendo afetado pelo mundo. É o encontro pontual de um corpo com outro. Somos corpos que se relacionam com outros corpos, quando sofremos suas afecções, quando somos afetados pelos outros corpos, sofremos uma alteração, uma passagem, nossa potência aumenta ou diminui. De acordo com a ontologia espinosana, não se trata de opor razão e afetos (ou paixões), que se manifestam como expressões distintas de uma única potência da natureza, mas podemos evocar apenas a contraposição entre atividade e passividade, pois nem todos os afetos são necessariamente paixões, podendo a afetividade também agir sobre o intelecto, ao contrário da tradição cartesiana: “agimos, quando algo acontece, em nós ou fora de nós, de que somos causa adequada, isto é, quando se segue de nossa natureza, em nós ou fora de nós, algo que se entende clara e distintamente apenas por ela. Digo ao contrário que padecemos, quando algo acontece, em nós ou fora de nós, de que somos apenas causa parcial” (*Ética* III, Definição 2). Assim, na esteira da teoria saftiana, “podemos pensar a política a partir da maneira como afetos determinados produzem modos específicos de encarnação. Nem todas as corporeidades são idênticas; algumas são unidades imaginárias, outras são articulações simbólicas, outras são dissociações reais. Cada regime de corporeidade tem seu modo de afecção.” (p. 23).

IHU On-Line - Quais são as ideias centrais de Spinoza que dão origem a resistências na política e, sobretudo, nas democracias liberais de nosso tempo?

Nythamar de Oliveira - Segundo o modelo hobbesiano, por exemplo, a saída do estado de medo constante da morte violenta, no estado de natureza, a um estado de direito com relativa segurança e paz se dá pela transferência contratual que legitima a soberania absoluta do monarca ou do governante. Geralmente, coloca-se Espinosa dentro da mesma tradição contratualista que vai de Grotius²⁰ e Hobbes até Locke, Rousseau²¹ e Kant²². Ora, na sua *Ethica*, Espino-

²⁰ **Hugo Grotius** (1583-1645): jurista a serviço da República dos Países Baixos. É considerado o precursor, junto com Francisco de Vitória, do Direito internacional, baseando-se no Direito natural. Foi também filósofo, dramaturgo, poeta e um grande nome da apologetica cristã. (Nota da **IHU On-Line**)

²¹ **Jean Jacques Rousseau** (1712-1778): filósofo franco-suíço, escritor, teórico político e compositor musical autodidata. Uma das figuras marcantes do Iluminismo francês, Rousseau é também um precursor do romantismo. As ideias iluministas de Rousseau, Montesquieu e Diderot, que defendiam a igualdade de todos perante a lei, a tolerância religiosa e a livre expressão do pensamento, influenciaram a Revolução Francesa. Contra a sociedade de ordens e de privilégios do Antigo Regime, os iluministas sugeriam um governo monárquico ou republicano, constitucional e parlamentar. Sobre esse pensador, confira a edição 415 da **IHU On-Line**, de 22-04-2013, intitulada *Somos condenados a viver em sociedade? As contribuições de Rousseau à modernidade política*, disponível em <http://bit.ly/ihuon415>. (Nota da **IHU On-Line**)

²² **Immanuel Kant** (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A **IHU On-Line** número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon93>. Também sobre Kant foi publicado o **Cadernos IHU em Formação** número 2, intitulado *Em-*

sa parece defender uma leitura necessitarista da condição humana, ao menos em termos de uma antropologia filosófica: “Os homens se enganam quando se pensam livres e esta opinião consiste apenas em serem conscientes de suas ações e ignorantes das causas que as determinam. Assim, a ideia que têm de sua liberdade vem de não conhecerem nenhuma causa de suas ações, pois quando dizem que as ações humanas dependem da vontade, são palavras sem nenhuma ideia. Com efeito, todos ignoram o que é a vontade e como ela move o corpo e os que presumem outra coisa e inventam sedes ou habitáculos para a alma normalmente despertam o riso ou a náusea.” (Prop. XXXV). É importante lembrar que após haver publicado seu *Tractatus Theologico-Politicus* em 1670, Espinosa ainda levou pelo menos cinco anos até concluir sua *Ethica*, publicada postumamente em 1677, de forma que ambos tratados deveriam ser tomados como correlatos em suas teses principais, notadamente no que diz respeito à condição humana entre o dogmatismo da religião, do autoritarismo político e das superstições, de um lado, e o determinismo da natureza e dos condicionamentos sociais, de outro.

Liberdade *sub specie aeternitatis*

Espinosa decerto rejeita o finalismo e o idealismo de cosmovisões religiosas e metafísicas tradicionais, assim como refuta concepções racionalistas e libertárias de liberdade, como se os seres humanos fossem idealmente ou totalmente livres para agir - uma vontade livre da natureza -, mas ele também recusa a ideia de uma natureza independente da ideia metafísica de totalidade, infinito ou substância, como se esta pudesse se contrapor à própria ideia de liberdade (tal-

manuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem02>. Confira, ainda, a edição 417 da revista **IHU On-Line**, de 06-05-2013, intitulada *A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios*, disponível em <http://bit.ly/ihuon417>. (Nota da **IHU On-Line**)

vez esta seja, afinal, uma maneira apropriada de entender a enigmática frase *deus sive natura*).

Com efeito, a sua concepção ético-política é melhor caracterizada como sendo, ao mesmo tempo, antirrealista (antiplatônica) e antirreducionista (contrária a uma versão eliminacionista de materialismo ou a um naturalismo reducionista, na terminologia atual), favorecendo um tipo de construtivismo mitigado como o que encontramos em Antônio Damásio²³ ou Jesse Prinz²⁴, evitando concepções redutivas de naturalismo e de normatividade ético-política. Assim, na terceira parte da *Ética*, Espinosa pode argumentar que todas as coisas ou entes, incluindo os seres humanos, esforçam-se para perseverar em seu ser, ou seja, buscam durar tanto tempo quanto puderem. Espinosa explica como este esforço (*conatus*) subjaz nossas emoções (amor, ódio, alegria, tristeza etc.).

Segundo uma concepção espinosana clássica, “o esforço (*conatus*) pelo qual cada coisa se esforça por perseverar em seu ser é a essência atual desta própria coisa” (*Ética* III, Prop. VII). Destarte, a mente é, na maior parte das vezes, passiva, e em outros casos ativa: na medida em que tem ideias adequadas, a mente é necessariamente ativa, e na medida em que tem ideias inadequadas, ela é necessariamente passiva.

Na quarta parte, “Sobre a servidão humana” (*De servitute huma-*

na), Espinosa analisa as paixões humanas enquanto aspectos da mente que nos dirigem para o exterior, ao buscar o que nos dá prazer e evitar o que provoca a dor. A servidão ocorre quando a mente é dominada por tais paixões ou afetos, a ponto de poder atormentar as pessoas e

“ O proletário tem sido, outrossim, reduzido à condição biopolítica mais elementar de reprodutor da população pela capacidade de procriar e ter filhos

inviabilizar a sua convivência social em harmonia uns com os outros. Safatle observa, com bastante perspicácia e justiça, que Espinosa se diferencia de Hobbes precisamente no papel que a temporalidade desempenha em sua teoria ético-política, na medida em que não se trata apenas de aludir ao papel do Estado hobbesiano como “gestor da insegurança social”, mas de resgatar a ideia espinosana de liberdade *sub specie aeternitatis*: “quanto mais nos esforçamos por viver sob a condição da razão, tanto mais nos esforçamos por depender menos da esperança e por nos livrar do medo, por dominar, o quanto pudermos, o acaso (*fortuna*), e por dirigir nossas ações de acordo com o conselho seguro da razão” (*Ética* IV, Prop. XLVII Esc.).

Sociedade “paranoica”

Segundo Safatle, o medo enquanto afeto político “tende a construir a imagem da sociedade como corpo tendencialmente paranoico, preso à lógica securitária do que deve se

imunizar contra toda violência que coloca em risco o princípio unitário da vida social”. Imunidade que precisa da perpetuação funcional de um estado potencial de insegurança absoluta vinda não apenas do risco exterior, mas da violência imanente da relação entre indivíduos. Imagina-se, por outro lado, que a esperança seria o afeto capaz de se contrapor a esse corpo paranoico. No entanto, talvez não exista nada menos certo do que isso. Em primeiro lugar, porque não há poder que se fundamente exclusivamente no medo. Há sempre uma positividade a dar às estruturas de poder sua força de duração. Poder é, sempre e também, uma questão de promessas de êxtase e de superação de limites. Ele não é só culpa e coerção, mas também esperança de gozo.

“Nada, nem ninguém, consegue impor seu domínio sem entreabrir as portas para alguma forma de êxtase e gozo” (p. 24). Safatle retoma, na verdade, uma problemática que havia sido por ele formulada, em seu *Grande Hotel Abismo* (2012), pelas perguntas programáticas: “que afetos criam sujeitos? Que afetos impulsionam os indivíduos que acreditamos um dia dever ser a esta dilatação produzida pela implicação com a desmesura que funda todo sujeito?” (p. 39). Em vez de investirmos na correlação afetiva medo-esperança ou na busca da felicidade, por exemplo, Safatle sugere que investiguemos o desamparo, pela sua negatividade essencial a toda forma de subjetividade e intersubjetividade, como potencial a ser explorado para uma subjetivação pró-ativa. Afinal, nas democracias liberais de nosso tempo, Espinosa nos lembra que “a liberdade da alma, ou seja, a coragem, é uma virtude privada, a virtude necessária ao Estado é a segurança” (*Tratado político*, p. 9). E Safatle acrescenta, corroborando com mais uma citação do filósofo sefardita no mesmo tratado: “a finalidade do Estado civil não é nenhuma outra senão a paz e a segurança de vida, pelo que o melhor Estado é aquele onde os homens passam a vida em concórdia e onde

23 **Antônio Rosa Damásio** (1944): médico neurologista, neurocientista português que trabalha no estudo do cérebro e das emoções humanas. É professor de neurociência na Universidade do Sul da Califórnia. Além de ter escrito o grande livro “O Erro de Descartes” que mudou a ideia das pessoas verem a junção “da razão e emoção” na qual por seus estudos ele “aposta” que o sistema límbico (parte do cérebro que controla as emoções e ações básicas) e o neocórtex (parte da razão) estão relacionadas pois trabalham sempre em conjunto. Sua maior frase do famoso livro é “toda e qualquer expressão racional está baseada em emoções”. (Nota da **IHU On-Line**)

24 **Jesse J. Prinz**: professor de filosofia e diretor do Comitê de Estudos ciência interdisciplinar na Universidade da Cidade de Nova York, Graduate Center. Trabalha principalmente na filosofia da psicologia e da ética. (Nota da **IHU On-Line**)

os direitos se conservam inviolados” (p. 44).

IHU On-Line - Em que aspectos essa teoria do circuito dos afetos nos ajuda a compreender a política em nosso tempo?

Nythamar de Oliveira - A teoria safatliana do circuito dos afetos nos propõe cinco linhas de força para entender o seu programa de ação política, a saber: (1) desenvolver de forma mais sistemática a articulação entre afetos e corpo político; (2) colocar em questão o modo de reconhecimento que determina os sujeitos como indivíduos e pessoas, viabilizando um pensamento da sociedade a partir de um circuito de afetos que não tenha o medo como fundamento; (3) desconstruir teorias normativas do reconhecimento que se mostram hoje dependentes de horizontes de avaliação de demandas sociais fundamentados em uma dimensão antropológica construída a partir de categorias de teor psicológico, tais como “identidade pessoal” e “personalidade”; (4) ao tematizar o desamparo como afeto político central, compreender, a partir de uma certa tradição dialética, as condições para a emergência de sujeitos políticos, evitando teorias hegemônicas do reconhecimento, institucionalidades e normatividades capazes de permitir o reconhecimento mais exaustivo de predicções dos indivíduos e a consequente ordenação social de diferenças; (5) ao tentar formular o que seria uma teoria do “reconhecimento antipredicativo”, a teoria safatliana do circuito dos afetos problematiza o amor como estrutura não-recíproca de reconhecimento, desvelando uma compreensão das dinâmicas processuais da dialética e de seus modelos de produtividade, recolocando a negatividade em seu horizonte correto. Segundo Safatle, trata-se de “partir da dialética para pensar movimentos de transformação estrutural da experiência e de seu campo”.

Safatle reconhece destarte o experimentalismo do seu livro, que deve ser compreendido como

um verdadeiro *work in progress*, sobretudo nessa quinta linha de força do livro, aquela que se encontra em estado mais latente: “Sua latência se justifica por ter sido inicialmente necessário apelar ao pensamento psicanalítico a fim de recolocar certos problemas políticos fundamentais em outro plano, de onde se seguiu a necessidade de repensar a corporeidade do vínculo social e sua dinâmica de afetos a fim de nos livrarmos de algumas ilusões e problematizações incorretas próprias de teorias da democracia hegemônicas” (p. 39). Uma teoria crítica e uma biopolítica de nossa sociedade brasileira pode nos

“**Somos corpos que se relacionam com outros corpos, quando sofremos suas afecções, quando somos afetados pelos outros corpos, sofremos uma alteração, uma passagem, nossa potência aumenta ou diminui**

ajudar a compreender a política em nosso tempo, na medida em que estamos hoje inseridos num sistema capitalista globalizado, atravessados por crises de representatividade (no caso doméstico da nossa jovem democracia, desde as jornadas de junho de 2013 até a atual crise do *impeachment*) e de protagonismo político, sobretudo quanto ao papel revolucionário do proletariado,

supostamente suplantado por movimentos estudantis (em 1968) ou movimentos de libertação no chamado Terceiro Mundo (anos 1970 e 80). Segundo Safatle, é mister empreender uma verdadeira “genealogia do proletariado” a fim de resgatar o sentido normativo de “absoluta despossessão” que configura a emergência do proletariado.

Proletário procriador

Safatle nos lembra de que, segundo a Constituição Romana, o proletário era caracterizado como a “última das seis classes censitárias, composta daqueles que, embora livres, não têm propriedade alguma ou, por não terem propriedades suficientes, não são considerados cidadãos com direito a voto e obrigações militares”. O proletário tem sido, outrossim, reduzido à condição biopolítica mais elementar de reprodutor da população pela capacidade de procriar e ter filhos (p. 335). Da sua particularidade de se tornar um “significante vazio” (p. 116) e da indeterminação que resiste à “juridificação da liberdade” (segundo a feliz fórmula de **Hans-Georg Flickinger**, aludindo a imigrantes ilegais na Europa ou Estados Unidos), tal reabilitação do proletariado poderia dessa forma responder aos déficits normativos das reconstruções crítico-imanentes frankfurtianas em autores como Habermas e Honneth²⁵ na direção de um “reconhecimento antipredicativo”, evitando a redução do político a um “campo de universalidade formadora de direito”.

²⁵ **Axel Honneth** (1949): é um filósofo e sociólogo alemão. Desde 2001, é diretor do Institut für Sozialforschung (Instituto para Pesquisa Social) da Universidade de Frankfurt (oficialmente, Johann Wolfgang Goethe-Universität Frankfurt am Main, em português: Universidade Johann Wolfgang Goethe de Frankfurt), instituição na qual surgiu a chamada Escola de Frankfurt. Também é professor de Filosofia Social na mesma universidade, desde 1996. No campo da filosofia social e prática, o nome de Axel Honneth está ligado ao projeto de relançamento da tradição da teoria crítica da Escola de Frankfurt, através de uma teoria do reconhecimento recíproco. (Nota da **IHU On-Line**)

Segundo a estratégia safatliana, “longe de se afirmarem de maneira ‘antipredicativa’, temos, ao contrário, uma predicação dos sujeitos através da determinação fornecida por direitos positivos juridicamente enunciados que, até então, lhes foram negados. Falar em ‘reconhecimento antipredicativo’ só faria sentido se pudéssemos afirmar a necessidade de algo do sujeito não passar em seus predicados, mas continuar como potência indeterminada e força de indistinção. Como se aprofundar as dinâmicas de reconhecimento não passasse por aumentar o número de predicados aos quais um sujeito se reporta, mas que passasse, na verdade, por compreender que um sujeito se define por portar o que resiste ao próprio processo de predicação. O que nos deixa com uma questão fundamental: como reconhecer politicamente essa potência que não se predica? Poderíamos pensar em lutas políticas cujas encarnações em demandas particulares nos levasse, necessariamente, ao reconhecimento do que é radicalmente antipredicativo?” (p. 357).

IHU On-Line - Em que sentido o medo, a segurança e a esperança são afetos políticos centrais?

Nythamar de Oliveira - De acordo com as Definições dos Afetos no Livro III de sua *Ética*, Espinosa contrasta a esperança (*spes*), enquanto “alegria inconstante, originada da ideia de uma coisa futura ou passada, cuja ocorrência duvidamos até certo ponto” (XII), com o medo (*metus*), enquanto “tristeza inconstante, originada da ideia de uma coisa futura ou passada, cuja ocorrência duvidamos até certo ponto” (XIII), oferecendo-nos a seguinte explicação: “segue-se destas definições que não há esperança sem medo nem medo sem esperança. Pois se supõe que quem depende da esperança tem dúvida sobre a ocorrência da coisa e também imagina algo que exclui a existência futura de tal coisa; nesta medida (pela Prop. XIX), ele também se entristece. Consequentemente, quem depende da espe-

rança, teme que a coisa não aconteça. Por outro lado, quem tem medo, isto é, quem tem dúvida da ocorrência daquilo que odeia, também imagina algo que exclui a existência de tal coisa e, portanto (pela Prop. XX), também se alegra e, conseqüentemente, tem esperança de que a coisa não ocorra”. No mesmo contexto da *Ética*, a segurança (*securitas*) é definida como “a alegria originada da ideia de uma coisa futura ou passada da qual foi removida toda a causa de dúvida” (XIV).

IHU On-Line - O que o dito de Lacan “viver sem esperança é também viver sem medo” tem a dizer às sociedades hoje, em termos políticos?

Nythamar de Oliveira - Como nos lembra Safatle, justamente porque Espinosa acreditava que o medo (*metus*) e a esperança (*spes*) se complementam, há uma relação pendular entre os dois: “não há esperança sem medo, nem medo sem esperança” e “daí por que ‘viver sem esperança’, disse uma vez Lacan, ‘é também viver sem medo’ (p. 24) Seguindo a intuição freudiana do desamparo, Safatle crê evitar que a ideia de que vínculos sociais sejam apenas criados através da transformação de toda abertura ao outro em demandas de amparo (p. 25). Safatle resgata, outrossim, o legado de contribuições psicanalíticas e especificamente freudianas para uma teoria crítica da sociedade, como foi de resto o intento originário da primeira geração da chamada Escola de Frankfurt, que seria abandonado por Habermas depois de sua guinada linguístico-pragmática (como atestam suas primeiras obras, notadamente *Conhecimento e Interesse*, que ainda continha dois capítulos sobre Freud e a psicanálise). Nas palavras de Safatle, “A perspectiva freudiana não é, no entanto, apenas a expressão de um desejo em descrever fenômenos sociais a partir da inteligência de seus afetos. Freud quer também compreender como afetos são produzidos e mobilizados para bloquear

o que normalmente chamaríamos de ‘expectativas emancipatórias’. Pois a vida psíquica que conhecemos, com suas modalidades de conflitos, sofrimentos e desejos, é uma produção de modos de circuito de afetos” (p. 48).

IHU On-Line - Em que consistiria uma política que daria à vida social a potência de um horizonte antipredicativo e impessoal?

Nythamar de Oliveira - Segundo Safatle, sua teoria “procura defender que uma política realmente transformadora só pode ser atualmente uma política que não se organize a partir do estabelecimento de institucionalidades e normatividades capazes de permitir o reconhecimento mais exaustivo de predicções dos indivíduos e a conseqüente ordenação social de diferenças. Ao contrário, ela só pode ser uma política que traga à vida social a potência de um horizonte antipredicativo e impessoal que, à sua forma, Marx foi capaz de trazer através de seu conceito de proletariado” (p. 29s).

Com efeito, como diz o autor, o livro procurou “expor as limitações de uma teoria do reconhecimento presa à determinação antropológica do indivíduo e suas exigências identitárias. Se a primeira parte procurou, à sua forma, mostrar a potencialidade de uma política desprovida da exigência de ser pensada a partir do processo de constituição de identidades coletivas, esta última insistiu em pensar modos de relação como dinâmicas de despossessão de identidades individuais” (p. 409).

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Nythamar de Oliveira - Pensei sobretudo na dimensão neurocientífica, na possível integração do nível natural (correlatos neurais e condicionamentos neurobiológicos) com o nível cultural-ambiental (condicionamentos comportamentais e sociais, que podem ser

descritos por análises empíricas, psicológicas, antropológicas e sociológicas), como temos procurado fazer com relação a uma formulação de um construtivismo social que permita aproximar concepções político-normativas da teoria crítica (Habermas e Honneth) e de versões mitigadas do naturalismo não-reducionista (Damásio e Prinz).

Pensei ainda que seria interessante ressituar a teoria safatliana do circuito dos afetos com relação à teoria crítica brasileira desenvolvida por autores como Sergio Paulo Rouanet²⁶, Barbara Freitag²⁷, Marcos Nobre²⁸, Jessé Souza²⁹, Marcelo Neves³⁰, Marcia Tiburi³¹ e Leonardo Avrit-

zer³², enfocando problemas de Pós-Modernidade *versus* Modernidade para caracterizar o *ethos* social brasileiro e seus déficits normativos.

Finalmente, creio que seria interessante revisitar as interlocuções possíveis com autores das chamadas teologias da libertação, reformulando o problema da guinada teológica na fenomenologia (Ricoeur³³,

Levinas³⁴, Henry³⁵, Marion³⁶) e a hermenêutica pós-estruturalista francesa (Foucault, Derrida³⁷, Deleuze³⁸) em torno de problemas de alteridade e reconhecimento.

26 Sergio Paulo Rouanet (1934): diplomata, filósofo e ensaísta brasileiro. É membro da Academia Brasileira de Letras desde 1992. Exerceu o cargo de secretário de Cultura do presidente Fernando Collor de Mello e foi responsável pela criação da lei Rouanet, de incentivos fiscais à cultura. (Nota da **IHU On-Line**)

27 Barbara Freitag-Rouanet (1941): socióloga alemã naturalizada brasileira, escritora e acadêmica na Universidade de Brasília. Formada em Sociologia, Psicologia e Filosofia nas Universidades de Frankfurt / M. e Berlim. Obteve seu PhD na Universidade Técnica de Berlim e fez sua habilitação na Universidade Livre de Berlim. (Nota da **IHU On-Line**)

28 Marcos Nobre: professor da Universidade de Campinas – Unicamp, cientista social e filósofo. É celebrado autor da tese do “peemedebismo”, como ele batizou a ideia da existência de um bloco de forças políticas que, ao se associar ao governo, lhe dá estabilidade e o blinda contra ameaças como o impeachment que o ex-presidente Fernando Collor sofreu em 1992. (Nota **IHU On-Line**)

29 Jessé José Freire de Souza (ou Jessé Souza) (1960): é um professor universitário e pesquisador brasileiro. Em 2 de abril de 2015 foi nomeado pela Presidência da República ao cargo de presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea. (Nota da **IHU On-Line**)

30 Marcelo Neves: bacharel e mestre em Direito pela Faculdade de Direito do Recife da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Doutor em Direito pela Universidade de Bremen, Pós-Doutorado na Faculdade de Ciência Jurídica da Universidade de Frankfurt e no Departamento de Direito da London School of Economics and Political Science. Livre-Docência pela Faculdade de Direito da Universidade de Fribourg na Suíça (2000). Professor da Faculdade de Direito do Recife da UFPE. (Nota da **IHU On-Line**)

31 Marcia Tiburi: filósofa e artista plástica brasileira, especialista em Filosofia pela Universität Gesamthochschule Kassel, Alemanha, mestre e doutora em Filosofia pela

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), respectivamente, com a tese *Dialética negativa: superação negativa e a transformação da Filosofia* em Theodor W. Adorno. É autora de, entre outros, *Filosofia Cinza – a melancolia e o corpo nas dobras da escrita* (Porto Alegre: Escritos, 2004); *Metamorfoses do Conceito – ética e dialética negativa* em Theodor Adorno (Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005) e *A mulher de costas* (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006). É a autora da edição 11 dos Cadernos IHU Ideias, intitulados *Os 100 anos de Theodor Adorno e a filosofia depois de Auschwitz*, disponível para download no site do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, www.unisinos.br/ihu. Atualmente, Tiburi é uma das cinco apresentadoras do programa Saia Justa, veiculado pelo canal fechado GNT, ao lado de Monica Waldvogel, Betty Lago, Maitê Proença e Soninha Francine. Para mais detalhes, visite www.marciatiburi.com.br. (Nota da **IHU On-Line**)

32 Leonardo Avritzer: possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais, mestrado em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais, doutorado em Sociologia Política – New School for Social Research e pós-doutorado pelo Massachusetts Institute of Technology. Atualmente é professor titular da Universidade Federal de Minas Gerais. (Nota da **IHU On-Line**)

33 Paul Ricoeur (1913-2005): filósofo francês. Sobre ele, conferir o artigo intitulado *Imaginar a paz ou sonhá-la?*, publicado na edição 49 da **IHU On-Line**, de 24-02-2003, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon49> e uma entrevista na edição 50 que pode ser acessada em <http://bit.ly/ihuon50>. A edição 142, de 23-05-2005, publicou a editoria *Memória sobre Ricoeur*, em função de seu falecimento. Confira o material em <http://bit.ly/ihuon142>. A formação de Ricoeur se dá em contato com as ideias do existencialismo, do personalismo e da fenomenologia. Suas obras importantes são: *A filosofia da vontade* (primeira parte: *O voluntário e o involuntário*, 1950; segunda parte: *Finitude e culpa*, 1960, em dois volumes: *O homem fável e A simbólica do mal*). De 1969 é *O conflito das interpretações*. Em 1975 apareceu *A metáfora viva*. O sentido do trabalho filosófico de Ricoeur deve ser visto em uma teoria da pessoa humana; conceito – o de pessoa – reconquistado no termo de longa peregrinação dentro das produções simbólicas do homem e depois das destruições provocadas pelos mestres da “escola da suspeita”. (Nota da **IHU On-Line**)

34 Emmanuel Lévinas (1906-1995): filósofo e comentarista talmúdico lituano, de ascendência judaica e naturalizado francês. Foi aluno de Husserl e conheceu Heidegger, cuja obra *Ser e tempo* o influenciou muito. “A ética precede a ontologia” é uma frase que caracteriza seu pensamento. Escreveu, entre outros, *Totalidade e Infinito* (Lisboa: Edições 70, 2000). Sobre o filósofo, confira a entrevista com Rafael Haddock-Lobo, publicada em 30-08-2007 no site do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, intitulada *Lévinas: justiça à sua filosofia e a relação com Heidegger, Husserl e Derrida*, disponível em <http://bit.ly/1bZ77kk>, e a edição número 277 da IHU On-Line, de 14-10-2008, intitulada *Lévinas e a majestade do Outro*, disponível em <http://bit.ly/1gsnUOI>. (Nota da **IHU On-Line**)

35 Michel Henry (1922-2002): filósofo e escritor francês. Em 1945 concluiu seus estudos filosóficos em Paris com o trabalho intitulado *Le Bonheur de Spinoza* (A felicidade de Espinosa). Doutou-se na Université Lille Nord de France. Entre 1960 e 1987 foi professor titular da Cadeira de Filosofia da Universidade de Paul Valéry em Montpellier, bem como, professor convidado da École Normale Supérieure e da Sorbonne em Paris, da Universidade Católica de Louvain, da Universidade de Washington e da Universidade de Tóquio. Foi criador de um pensamento filosófico original, denominado Fenomenologia da Vida. (Nota da **IHU On-Line**)

36 Jean-Luc Marion (1946): é um filósofo francês. Se caracteriza por combinar a teologia com a fenomenologia, por exemplo na sua concepção fenomenológica do dom, inspirada parcialmente por Jacques Derrida. (Nota da **IHU On-Line**)

37 Jacques Derrida (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia* (São Paulo: Perspectiva, 1973), *A farmácia de Platão* (São Paulo: Iluminuras, 1994), *O animal que logo sou* (São Paulo: UNESP, 2002), *Papel-máquina* (São Paulo: Estação Liberdade, 2004) e *Força de lei* (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007). Dedicamos a Derrida a editoria Memória da IHU On-Line nº 119, de 18-10-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuon119>. (Nota da **IHU On-Line**)

38 Gilles Deleuze (1925-1995): filósofo francês. Assim como Foucault, foi um dos estudiosos de Kant, mas tem em Bergson, Nietzsche e Espinosa, poderosas interseções. Professor da Universidade de Paris VIII, Vincennes, Deleuze atualizou ideias como as de devir, acontecimentos, singularidades, conceitos que nos impelem a transformar a nós mesmos, incitando-nos a produzir espaços de criação e de produção de acontecimentos-outros. (Nota da **IHU On-Line**)